NÚMERO 639 FARO ANO 13.º

Director-Editor
FERREIRA DA SILVA
A quem deve ser dirigida toda a correspondencia

Endereço telegrafico
«ALGHARB» — Faro

Não se restituem originaes, sejam ou não publicados, e não se aceitam informações anonimas

Redacção e administração
Rua de Alportel n.º 27

O ALGARVE

SEMANARIO INDEPENDENTE

Domingo, 20 de Junho de 1920

ASSINATURAS
Pagamento adiantado
Portugal, Ilhas e Hespanha 6 mezes . . $80
Colonias e Extrangeiro . . . . . 1$25

COMUNICADOS E ANUNCIOS
Nas 3.ª e 4.ª paginas cada linha $60
Nas outras paginas, contracto especial

Composto e impresso na Tipografia d'«O Algarve»,
RUA DE ALPORTEL, N.º 23 — FARO

AS CALDAS DE MONCHIQUE

Para uma representação a entregar ao Parlamento, tem a Junta Geral do Districto de Faro feito recolher as assinaturas de todos os habitantes do Algarve.

Reclama-se nessa representação, contra o mau uso que o seu actual adjudicatario, fiado em qualquer protecção oculta, tem dado ás Caldas de Monchique, bela estancia que poderia ser uma fonte de riqueza e de atracção para o Algarve, mas que nas mãos desse adjudicatario tem sido despresada ao ponto de não serem cumpridas as clausulas do respectivo contracto e aquelas termas constituirem um perigo em vez dum beneficio para a saude dos que lá desejem ir com o intuito de se curarem.

Assim, além da estetica do estabelecimento, que é horrivel e antiquada, e apesar do regulamento do contracto exigir a construção de tinas, piscinas e instalações apropriadas, o estabelecimento conserva ainda as antigas tinas fornecidas pelo Estado ao adjudicatario, não existindo instalações de pressão de tipo capaz ou moderno. Hospital existe apenas o antigo, ainda mandado construir por D. Francisco Gomes, mas agora tão falto de higiene que é um verdadeiro perigo lá penetrar.

Quanto a existencia de albergues para gente de poucos meios, capela, esgotos, construção de ruas, arborisação, etc., apesar de serem tambem condições do contracto, são coisas que ali não existem.

Isto sem falar nas varias irregularidades de origem material, para que a adjudicação tem servido e a que com dados numericos e circunstanciados se refere a representação já aludida.

Entretanto, o Algarve, pela sua magnifica condição climaterica, tem o direito de ser considerado como uma das primeiras estancias termaes do paiz. Monchique, que é um ponto agradavel do Algarve, podia servir como ponto principal dessa estancia. Aproveitar-se-hia para esse efeito não só a sua magnifica agua, como o seu belo sal e a benignidade das suas paisagens.

Uma vez pois que as termas de Monchique, na mão do sr. dr. Bentes Castel-Branco, longe de produzirem resultados beneficos para a nossa provincia, só tem produzido prejuizos e irregularidades, impõe-se a efectivação imediata do alvitre submetido pela Junta Geral do Districto aos habitantes do Algarve, como objetivo da referida representação: que seja rescindido sem demora o contracto que entregou áquele sr. pelo espaço de 60 anos a administração e exploração das Caldas de Monchique.

Certos estamos de que uma grande parte dos nossos conterraneos não teem deixado de juntar o seu nome á solicitação da Junta Geral. Necessario é porém que nenhum deixe de o fazer, por isso que a pratica desse acto significa além do protesto colectivo contra um favoritismo incompativel com os interesses do paiz e da moralidade publica, um alto dever de amor pela terra em que nasceu, ao qual nenhum algarvio tem o direito de se negar.

ECOS DA SEMANA

Sindicato agricola

Falou-se ha tempo na fundação dum Sindicato agricola em Faro. Não sabemos em que estado se encontra a iniciativa e isso nos dá margem a incitarmos daqui todos os que nisso pensaram a que não deixem de efectivar a idéa concebida. O Algarve tem presentemente uma produção agricola muito atendivel, mas poderá progredir muito mais se forem dados ao nosso proprietario rural e ao proprio trabalhador os conhecimentos tecnicos necessarios para esse desenvolvimento. Um Sindicato agricola fundado sob os auspicios das modernas correntes de orientação do tratamento da Terra, faria desaparecer o nosso debito cerealifero, o que para nós seria uma riqueza, e criaria novas industrias campezinas que se encontram desprezadas, como seja a apicultura, a cunicultura, avicultura, queijaria etc.

Porque se espera, pois, para lançar mãos á obra?

Braços para a lavoura

As delegações dos Sindicatos Agricolas do Centro de Portugal, entregaram ao governo uma representação acompanhada de duas moções aprovadas na assembleia geral realisada em Leiria. Nessa representação se diz ser urgente a solução do assunto das estradas e da falta de braços para a lavoura, aproveitando-se para este efeito as praças que se encontram nos quarteis, inativas quasi sempre.

A ideia merece o nosso inteiro aplauso. Para nos salvarmos precisamos de trabalhar e de fazer trabalhar... O nosso mal principal é a inatividade. Trabalhemos pois!

Uma homenagem

Instalou se ultimamente a nova Ordem de Santa Maria de Castello, cujo fim é a defeza da Arte, da Patria e da Religião. Dela fazem parte varios dos nossos mais ilustres patricios, sendo feita a sua inauguração solene, como homenagem á nossa provincia, em outubro proximo e por ocasião do 2.º Congresso.

Daqui saudamos todos os fundadores dessa augusta Ordem, assim como os seus Cavaleiros já iniciados, fazendo votos pelas suas prosperidades, que são ao mesmo tempo as prosperidades de todos os portuguezes e de todos os crentes.

A produção agricola

Foram os seguintes os resultados do manifesto efetuado, nos termos do regulamento da estatistica agricola, da produção no continente do paiz, durante o ano findo:

Trigo, 163.009:151 litros; centeio, 32 931:789; aveia, litros 107 047:530, cevada, 35.584:350; fava, 27.114:202; grão de bico, 3 893:089; cortiça, 15.958:287 kilogramas. Deduzidas as quantidades precisas para as sementeiras, rendas, fóros e gastos da familia dos produtores e da casa agricola, ficaram disponiveis para consumo: trigo, 47.804:709 litros; centeio, 3.959:272, aveia, 23 768:102; cevada, 4.732:427; grão de bico, 1.006.434; cortiça, 15.895:901 kilogramas.

PARA FECHAR

Efeitos da nova ortografia.

—Calino pergunta curioso:

—Chispe é com X ou com c h?

Resposta de Calino II:

—Nem uma coisa nem outra. Na minha casa costuma ser sempre com feijão branco.

NOTAS E COMENTARIOS

O governo cái, o governo fica, satisfaz ás condições de momento, o governo não satisfaz... É uma serie de conjunturas que pode dizer-se interminavel.

A morte do coronel Antonio Maria Baptista veio lançar o paiz numa situação mais dificil. Se o gabinete Ramos Preto tiver de sair do poder, quem lhe sucederá?

Segundo os boatos, indica se um gabinete sob a presidencia do sr. Antonio Maria da Silva, outro ainda sob a presidencia do sr. Domingos Pereira, *o homem dos 30 000 funcionarios publicos* e ainda outros.

Por mais voltas que se dei á amalgama dos nossos homens publicos, aparecem sempre os democraticos!

Todos os que se apontam para governo, já foram postos á prova e, diga-se de passagem, o paiz nada lucrou com a sua estada no poder.

Por que se não põem de parte todos os egoismos, todas as vaidades, todas as mesquinhas questões politicas e se não vão buscar as competencias onde quer que elas estejam?

Ganharia com isso todo o paiz, ganhariamos com isso todos nós.

O poder não póde nem deve continuar a ser propriedade dos democraticos que, afinal, ainda não salvaram a Patria, nem tão pouco *as batatas* que estão *pelos olhos da cara*.

Nenhuma má vontade nos move contra este partido, onde contamos algum amigos, mas a verdade deve dizer-se e a verdade é o que aqui fica e que todo o paiz perfeitamente conhece. Se é um facto que só os democraticos teem governado, é um facto tambem, que só eles teem conduzido o paiz ao *bonito estado* em que se encontra.

Ainda ha portuguezes em Portugal, como diria ali o mestre Afonso da Leitaria. Pois bem, se ainda ha portuguezes que possam salvar esta Patria que dia a dia se afunda, que apareçam, ou que se vão buscar sem se olhar a filiações partidarias e tricas politicas, que teem sido a nossa perdição.

Qualquer governo democratico, não póde inspirar confiança ao paiz... *Outros!...*

Manoel Caetano de Sousa

DE LISBOA A MACAU

Seguidamente começou o concerto com uma flauta sem chaves, tão larga na embocadura como no topo (Sacoatcha) que o artista limpava metendo-lhe um lenço de açoar amarrado com uma corda da grossura de um dedo, uma samisene, instrumento com duas cordas e egual numero de cravelhas com tampo de marfim e um instrumento que parecia uma solipa de camidho de ferro com algumas cordas apoiadas em varios pontos numa especie de dentes pontegudos—o Koto.

Nós, que na vespera, a bordo, tinhamos ouvido o hino japonez, cousa que nehum europeu ouve sem dificuldade, sem rir, começámos a receiar da nossa sériedede mas, a breve trecho estávamos deliciados com a musica que era formosissima. Se não fora, isso as gargalhadas seriam geraes taes eram as carantonhas que o homem da sacoatcha fazia! Finda a musica, durava já o chá mais de 3 horas, quando começavamos a desejar que alguem desse o exemplo de se despedir, fomos tirádos de embaraços—graças á etiqueta japoneza, menos hipocrita do que a europeia! Um creado comunicou-nos em nome dos srs. Asano que a recepção tinha terminado, podendo os convidados, a quem muito agradecia--retirarem-se querendo.

Como á entrada, o dono da casa e esposa em trajos japonezes e o filho á europeia, de pé, receberam os nossos agradecimentos acompanhados de um aperto de mão e, minutos depois, os creados no rez-do-chão, tiravam nos uns as galochas e outros pediam-nos as fichas para trazerem do bengaleiro os chapeus e bengalas. De posse destes objectos dirijimo-nos para a porta onde um mordomo nos apresentava as despedidas e um creado nos entregava um lindo album com as fotografias das varias salas, trabalho muito lindo mas que não dá uma palida ideia sequer do que é aquela maravilhosa e artistica residencia!

Ao nosso camarada Fausto Correia que muito insistiu em que o acompanhassemos, — o que não queriamos fazer — devemos esta bela tarde.

Como ainda era muito cedo para regressarmos a bordo, resolvemos passear pela cidade que, na sua maioria edificada á europeia, tem predios de muito bom gosto, está iluminada e possue alguns monumentos aos heroes da guerra russo—japoneza.

Visitámos um templo budhico fundado no seculo 17.º (por fora, pois não estivemos para nos descalçar como é da praxe) e vimos os edificios dos ministerios e Imperial Theatre. Como o guia indicava como digno de ver-se o Palacio Imperial dirijimo-nos para ali e admirámos o sitio.

O palacio que deve ser enorme a avaliar pela extensão dos telhados—a unica cousa que dele vimos—é cercado por altas e grossas muralhas protegidas ainda por largos e profundos fossos cheios de agua.

Tomámos cerveja num grandioso restaurante cujo tecto era completamente coberto por parreiras carregadas de formosos cachos e, d'ali seguimos para um templo que deve ser dedicado á guerra russo—joponeza pois abundam no parque canhões tomados aos russos. Nele encontrámos grande numero de militares fazendo oração.

Jantámos muito rasoavelmente embora um tanto caro, num dos restaurantes do parque do Templo

(Continua.

Vieira Branco.

Barateamento do calçado

Foi publicado um decreto determinando que todos os detentores de coiros ou cabedaes que possuam essas mercadorias em quantidade superior a 15 quilogramas, as manifestem até ao dia 20 do corrente.

O Algarve vende-se em Lisboa na Tabacaria Chave Douro, ao Rocio e em Faro na Livraria A. S. Capela.

ARTE

A Arte é a mais alta expressão do sentimento humano. Onde não houver sentimento, não ha Arte.

Ser artista, é aproximarmo-nos de Deus o Artista Supremo!

A Arte manifesta se pela ancia de nos fundirmos no Belo e de atingirmos o Sublime. O artista, digno desse nome, tem o pensamento a roçar-lhe no Infinito e os pés a soerguerem se-lhe da Terra.

«D. Maillart», no seu belo livro *Athéna*, diz: «A Arte é a flor da civilisação; ela aproxima a Terra do Ceu; é a divina Harmonia.»

Se o musico compozer ou executar uma peça e não lhe souber imprimir ou dar o sentimento artistico, escreverá um aglomerado de notas, onde podem existir sons combinados e secos, mas onde não existirá a Arte! Poderá tocar o melhor trecho de Wagner ou de Mozart, que apenas soltará sons falhos de melodia e gosto e por consequencia sem Arte! Se o escultor não tiver sentimento artistico, do seu cinzel apenas sairão *monos* sem expressão que nos sensibilise.

Se o pintor não sentir bem dentro da sua alma o amor ardente pela Arte, se a ideia se não ligar ao sentimento, do seu pincel apenas sairão borrões falhos de harmonia, ou linhas asperas a definirem formas toscas, sem poder de sensibilidade que nos possa impressionar.

O estado de adiantamento moral e social dum povo, conhece-se no seu amor pela Arte. Não foi da raça negra que nasceu a «Gioconda», nem os *peles vermelhas* fizeram uma «Venus de Millo.»

Em Portugal, o sentimento artistico, o o respeito pela arte, estão muito longe de terem o culto que merecem. E assim, o nosso estado moral e social é o que se observa.

A Arte, purifica as almas porque intensifica a nossa ancia de perfeição.

Torna-se pois necessario difundir o culto dessa «divina Harmonia» despertando o sentimento artistico do nosso povo que, ou se conserva no marasmo da indiferença pelas coisas belas, ou se agita em paixões vis e numa politica baixa.

Portugal é um pais de artistas, mas o que se torna necessario, é incita-los a que produzam e a que saiam do anonimato em que por vezes se mantem.

Nas salas do Ginasio Club desta cidade, abriu no passado domingo a exposição de Arte já anunciada nos jornaes da nossa provincia e em que são expositores: Raul Carneiro, Carlos Porfirio e José Dias Sancho. Tres novos que prometem, tres novos que teem valor.

Os dois primeiros já eram conhecidos do nosso publico. Só José Dias Sancho era desconhecido como caricaturista, que agora se revelou.

Os retratos de Raul Carneiro, são retratos de Mestre.

«José Dias Sancho, Dr. Barbosa, Dr. Guédes e Tenente José Nobre,» são verdadeiras revelações de genio artistico. O primeiro, sobre tudo, é admiravel! A expressão daquele «todo,» parece dar vida ao cartão, onde o lapis deslisou deixando vinculada a consagração do artista.

Carlos Porfirio, no seu quadro «Noturno», é admiravel tambem!

Tem-se a impressão de que o

Contos de O ALGARVE

O POTE D'AGUA

O balcão da casa do «senhor morgado», como lhe chamavam na freguesia, deitava para a estrada.

O caminho seguia por ali fóra, macadamisado, fechado de um lado e outro por muros de pédra solta e negra, cahidos aqui e ali, deixando ver as vinhas, que, naquele ano, estavam lindos e prometiam farta colheita de vinho.

Os pampanos, de verde claro, desenhavam pequeninos quadrados trepando pelos murositos de abrigo, que, parecia terem sido ali colocados a esquadro, tal a simetria com que se achavam dispostos, formando uns com os outros angulos rectos.

E era de um lado e outro todo aquele xadrez verde-claro a acabar lá em cima, ao pé das arveres, a acabar lá em baixo ao pé do mar, a destacar do sol vulcanico como cor viva sobre fundo preto.

Em cima, no balcão do «senhor morgado» via-se todo o campo de vinhas alargar-se numa doida alegria de tonalidade luminosas, subir para o lado da montanha até esmorecer no tom mais escuro do arvoredo, descer para o lado do mar até se avivar num azul turquesa, pedra preciosa engastando se no oiro de toda a paisagem...

Mais alem, aninhada sobre tapetes de verdura, era casta e noiva a aldeia que o sol vestia de branco, e que, ali, naquela manhã, com a sua casaria e a unica torre da sua pequenina egreja a subir para o ar azul, silenciosa na distancia, rodeada de arvores e vinhas; toda se enchia de sonho,—do vago sonho das coisas que se sonham e não se realizam...

Do balcão do «senhor morgado» tambem se via, em baixo, a meio da estrada quasi em frente do largo portão junto do verde, o poço de maré, onde as mulheres da freguesia vinham ás tardes buscar agua. Era um poço em quadrado, tendo em cima do solo um parapeito de pedra lavrada, de pouco mais de meio metro de altura.

Nas tardes de estio recebia o «senhor morgado» a tradicional saudação.

Guarde-o Deus-, a que ele repondia invariavelmente, Deus as guarde...

O caminho silencioso até então, arenoso barulhado de espaço a espaço pelo guinchar de carros de bois, ia se, áquela hora, movimentando a pouco e pouco de alegres grupos de moçoilas, que, na volta brusca da estrada, surgiam no encanto de figuras coloridas. Era a hora em que o sol, por especial incidencia de luz, lhes avivava mais os casebeques de chita clara, os saiotes vermelhos azues e amarelos, listrados de largas barras de outras cores, os abeiros de palha sobre coloridos lenços caindo airosamente em pontas, os potes pintadas de preto e verde, que elas equilibravam sobre a pequenina copa, cores que vinham dançando com o gracioso saracotear de suas ancas.

E a animalas de outra luz, a luz dos olhos delas, tocadas de mocidade, de viveza, de alegria...

Mas nenhuma luz como a luz dos olhos de Maria, «Maria dos olhos bonitos»—como lhe chamavam.

Era o nome porque ela era conhecida na pequena aldeia. Fora-lhe dado por alguem? Teriam sido os campos que lh'o deram? Alguma amora do silvado, já madura, espreitando por entre os fetos do matto, diria:

—Olhos da minha côr, só os de Maria?...

E os fetos,—que mexeriqueiros—foram no dizer aos urzes, os urzes aos montes, os montes á aldeia...

Maria era do bando a mais esbelta, a mais airosa, a mais alegre, a que melhor sabia equilibrar sobre a pequenina copa do seu chapeu o pote cheio de agua.

Com que graça ela se abeirava do poço, erguia os braços para tirar o pote de cima da cabeça, o descançava no beiral, desenrolava a cordinha, o descia até á agua, e lhe imprimia balanço até encha-lo, puchando o depois ás braçadas, baldeando-o no pote, que assim se enchia a pouco...

Haveria outras que tivessem graça naquele simples encher de agua, tanta não a teriam como ela...

No fim de uma tarde de julho, com a estrada a povoar-se de sombras, Maria acabara de encher o seu pote. Ficará só. Francisca, sua companheira, havia já seguido. Ela ouviu-lhe dizer, de longe:

Então não vens Maria?

Brincavam no balcão do «sr. Morgado» os ultimos clarões do poente. Com o morrer do dia, o silencio que os rodeavam enchiam se do cantar dos melros.

A Maria, no entanto, deixava-se envolver na sombra, na morte do dia, com o seu olhar de veludo a misturar se com o crespusculo, a não lhe deixar ver o perigo daquela hora, ali, só, esperando o filho do «sr. Morgado» que a levaria não sabia ainda para onde.

Sobre o beiral do poço parecia que o pote, o seu pote, o pote que ela sabia conduzir como ninguem sobre copa do seu abirinho de palha, lhe dizia assim:

—Vem Maria... Deixa esse amor que te quer perder... A estas horas tua mãe acendeu já o lume para a ceia...

Sobre a tua casa cairá logo a benção de um ceu estrelado... Vê... a solene serenidade do ar limpido uma leve colina de fuma,—esse fum

TIPOGRAFIA DE "O ALGARVE,,

Esta casa, que não teme a concorrencia das suas congeneres, está montada nas melhores condições para poder satisfazer com aperfeiçoamento da arte e como tal apta, portanto, a desempenhar todos os **trabalhos tipograficos** e **encadernações** que lhe confiarem.

Os preços estipulados nesta casa, tanto para trabalhos comerciaes, como para encadernações, são relativamente baratos, com o que decerto outra casa não poderá competir.—**Encadernações desde o mais simples ao mais fino gosto.**

quadro canta a saudade do sol ausente e vei-se a tristeza das sombras descendo lentamente sobre a Terra.

«Saida do baile de mascaras» é um quadro sublime! O Pierrot, abafado, espêlha-se na agua a humedecer a rua, onde a claridade da manhã lança a caução do alvorear por sobre as cabeças tonteantes dos noitivagos.

«Baile de mascaras» tem expressão e é caracteristico.

«A mulher do veo branco,» é tambem o quadro dum artista; mas o seu melhor quadro, a meu ver, é a «Dor nostalgica.»

Aquele rosto de mulher, de linhas tão harmonicas, de olhos expresivos, deixando adivinhar porventura a nostalgica que vae na alma do seu autor, é verdadeiramente um quadro de Arte!

José Dias Sancho, que ha dois mezes, pouco mais ou menos não sonhava em ser «caricaturista», revela-se nos trabalhos que expôz, não direi um artista consumado, mas um artista que promete. As caricaturas do «novo bispo, «Dr Vasconcelos d'Abreu, Jaime Barrot, Dr. Correia Leal, José Alexandre e Dr. Candido Guerreiro,» não parecem obra dum principiante. Ha ali genio artistico, que se manifestou, rindo, no lapis de Dias Sancho que, uma vez, armado em faca, assasinou o desgraçado do «Albino.» E nós, que por essa ocasião lhe «batemos» com áquela franqueza que nos caracterisa, daqui lhe dizemos: você promete, você tem gosto artistico; seria um crime recuar.

A exposição foi aberta com uma notavel conferencia do critico de Arte senhor Sebastião da Costa, lastimando que o espaço nos não permita fazer uma mais larga referencia.

Aos promotores da exposição de Arte, as nossas sinceras felicitações.

C. S.

NOTICIAS PESSOAES

Regressaram de Lisboa os srs. Condes do Cabo de Santa Maria, sua filha e netas.

—Acompanhando sua sogra, D. Basilisa de Oliveira Serrão, partiu na segunda feira para Lisboa o nosso presado director José Ferreira da Silva, a quem sinceramente desejamos que tenha feito uma boa viagem tanto na ida como no regresso que bastante anceamos, tál é o grau de simpatia que a sua pessoa merece a todos que trabalham nesta casa.

—Esteve nesta cidade, acompanhado de sua ex.ma esposa, o alferes de infantaria 4 sr. Mathias de Freitas, em deligencia em Mafra, e que veio assistir ao casamento de sua cunhada a menina Otilia Neves.

—

Realisou-se no dia 17 o casamento do sr. João N. Girão com a menina Otilia Teixeira Neves, filha muito prendada da sr.ª D. Victoria Teixeira Neves e do sr. Jacintho Neves. Após o acto civil, seguiu-se a cerimonia religiosa, vendo-se o templo de S. Pedro muito concorrido.

Aos noivos apetecemos todas as felicidades de que são dignos.

—Esteve em Lisboa, onde foi chamado pelo ministerio da guerra, o capitão de infantaria sr. Miguel Tavares Blanco.

—Regressou hontem de Lisboa o sr. Arsenio Dias Campos, socio da firma comercial desta cidade Herculano & Campos Limitada.

—Com sua esposa foi a Lisboa o sr. Antonio Montes inspector dos caminhos de ferro do sul e sueste.

—Regressou a Faro o sr. Antonio Guimarães Xavier.

—Tem estado muito doente nas termas dos Cucos, o activo comerciante desta cidade sr. Alfredo da Silva, que já regressou a esta afim de ver convalescença.

—Esteve na capital o sr. José Alexandre da Fonseca.

—Foi fazer a sua cura d'aguas nas Caldas de Vizela, o sr José Crispim de Sousa, desta cidade.

—Fixou residencia em Albufeira o sr. Manoel José Netto, em cuja delegação aduaneira passou a prestar serviço.

—Em serviço esteve em Lisboa o agronomo sr. José Bivar.

—Esteve em Lisboa o sr. Armando Gonçalves, guarda livros da firma Bulhões Maldonado & Silva, Limitada.

EXEMPLOS A DIVULGAR

Durante o nosso modesto mas perseverante e bem intencionado trabalho de divulgação de cousas uteis, apareceram-nos tres exemplos de BONDADE que, avidos de os popularisar e de os fazer sentir aos nosos semelhantes, (alguns dos quais talvez nos chamem, pelo menos, massador) não queremos nem podemos deixar de os trazer para a frente de quem nos lê.

Num deles alude-se á princeza Eugenia, irmã do rei da Suecia e da Noruega que, para poder acabar um hospital, vendeu todos os seus diamantes.

No outro, fala-se em Roosevelte o antigo presidente da Republica dos Estados Unidos, que soube galardoar com uma honrosa condecoração, um simples faroleiro de Stratford, o qual obstou a que um seu colega, atacado de loucura, levasse por deante o seu proposito de apagar o farol, o que originaria qualquer naufragio, e dai numerosas victimas.

Por ultimo, no terceiro alude se a um honrado operario de Leão de nome Badger o qual, ao ser chamado em 1793, foi heroicamente substituido por um irmão, Luiz, o qual se deixou supliciar com toda a coragem em vez do irmão.

Ha nestes tres casos um confronto digno de boa nota, o qual vem a ser acharem-se reunidos neles tres fontes inexauriveis de BONDADE: a protecção aos infelizes, o amor pelos outros e a dedicação fraternal.

Ha ainda outra lição a tirar; é que no cumprimento destas heroicas missões, nós encontramos envolvidas quatro pessoas—duas de alta posição social (dois chefes do Estado) e duas que não passam de simples proletarios.

Vê-se por aqui aquilo que tanta vez temos afirmado: é que para ser honrado, justo e Bom, não é preciso ser exclusivamente rico nem exclusivamente plebeu.

E preciso apenas *ser homem* no sentido rigoroso da palavra.

Sejamos, pois, homens, qualquer que seja a nossa condição social, porque só assim preenchemos o fim a que temos de dar execução durante os breves dias da nossa existencia sobre a terra.

S.

Subscrição para um monumento a João de Deus

Transporte	*11$00*
Eugenio Afonso.....	1$00
Soma.....	12$00

—

Continua lavrando o entusiasmo pela provincia fóra. A ideia dum monumento ao grande poeta algarvio, não podia deixar de ser bem acolhida. Em Lagos, onde esteve de visita o sr. Azevedo, membro da comissão que se propõe levar a efeito esse monumento, declarou, o sr João Pereira Neto, vice-presidente da Camara Municipal daquela cidade estar tanto como representante do municipio, como individualmente, ao lado da Comissão, que podia contar com a sua melhor boa vontade; outro tanto foi dito pela sr.ª D. Beatriz de Ascenção Taquelim, digna professora naquela localidade.

Tambem os srs. Manoel Rosado Garcia, presidente da Camara municipal de Lagoa, e José Francisco Cabrita, professor oficial em Silves, se pozeram incondicionalmente ao lado da Comissão, oferecendo-lhe os seus serviços e o melhor da sua boa vontade.

Encarrega-nos a Comissão de agradecermos, a todos, os cumprimentos e palavras de injusto louvor que lhe dirigiram e que apenas servem para incita-la a prosseguir sem desfalecimentos na tarefa que se propoz realisar.

Festa de Caridade

Matinée-Concerto

Realiza-se hoje pelas 15 horas no Club Farense uma magnifica festa de caridade, promovida pela comissão da Cosinha economica de Faro, em beneficio da mesma cosinha, constando a festa de recitação de poesias, canto, e solos de piano, tombola, e varias surprezas.

HA 44 ANOS

D'«O Districto de Faro» de 15 de junho de 1876

Pede-nos a respectiva empreza que declaremos que por falta de tipo da Imprensa Nacional, o novo periodico *Comercio do Sul* só poderá estriar a sua publicação nesta cidade no meado de agosto.

— Ao nosso amigo Francisco José Lorjó Tavares acaba de ser concedido o *regio exequatur*, para exercer o cargo de vice-consul da Suecia e Norusga em Vila Real de Santo Antonio.

É bem merecida esta distincão porque o nomeado é um mancebo inteligente e honesto, que alia a estas duas qualidades uma larga pratica de negocios consulares

—Olhão acaba de ser teatro de um dos mais audaciosos e brutaes atentados, que, de ha muitos anos se hão praticado no Algarve.

No local mais publico e concorrido daquela vila, o largo da Feira por cerca das onze horas da noite de Sabado, foi disparado um tiro de revolver contra o sr. D. Antonio de Noronha, cavalheiro que por largo espaço de tempo tem ali exercido o cargo de administrador do concelho, a contento de todas as freguesias do mesmo.

Este cavalheiro, acompanhado do ex-capitão do posto, o sr. Manoel Vieira Leonardo, achava-se assentado em um dos bancos que guarnecem o passeio daquela sitio gosando das amenidades de uma das belas noites de primavera da nossa providcia, quando por junto deles passou José Marques Caetano que a opinião publica indigita como implicado em um crime recentemente descoberto na mesma vila.

Pela insolente insistencia com que Caetano atestou nos dois cavalheiros, o sr. Noronha raciou alguma agressão e levantou-se afim de se preparar para a repelir, mas no acto de o fazer foi surpreendido pela flama e detonação de um tiro cuja bala, indo bater na parede, justamente no lugar, que o sr. administrador deixava, foi de ricochete roçar, já fria, pelas pernas do sr. Vieira Leonardo.

O sr. administrador correu em continente sobre o agressor, o qual foi imediatamente capturado e confessou o crime, acrescentando porem que o tiro se não dirigia ao sr. Noronha.

.....

—Por escritura publica, lavrada nas notas do sr. tabelião Santos em 27 de maio ultimo, reconheceu o sr. Francisco Eusebio Pires, desta cidade, como sua filha, uma menina de 24 anos, cujo nome é Brazia das Dores, nascida antes do casamento daquela sr. e que desde tenros anos tem vivido em sua companhia, sendo sempre perfeitamente tratada, não só pelo pae, mas tambem pela esposa deste a ex.ª sr.ª D. Ada Carolina Freire Pires, cujos sentimentos humanitarios a fizeram participar da gloria advinda do procedimento meritorio que esta cidade acaba de testemunhar.

A' orfã, pois, acaba, a sociedade de lhe dar o ligitimo pae.

Jorrôs de luz rasgam a escuridão que ainda ha pouco, entenebrecia com densas nuvens aquela existencia na flor da vida.

.....

—Defende hoje tese na faculdade de filosofia o talentoso academico nosso conterraneo, sr. Antonio José Gonçalves Guimarães.

—Trata-se do consentimento de um ramal do caminho de ferro para Vila Nova de Portimão.

—Nos dias 10 e 11 inaugurou-se o carrilhão de nove sinos, ha poucos dias vindos de Lisboa para a egreja do Carmo em Faro.

Na tarde e na noite de sabado, tocou no adro daquela egreja, depois de percorrer as ruas da cidade, a banda marcial *20 de Fevereiro* regida pelo habil musico sr. José Maria Assis; a fachada do edificio foi embandeirada e iluminada, oferecendo nos uma bonita perspectiva; e, durante os dois dias queimou-se grande quantidade de girandolas de foguetes.

O carrilhão, posto em Faro custou mui proximamente um conto de reis: a bondade das suas condições acusticas está na razão direta de tão diminuto preço relativo.

A mesa do Carmo propõe-se fazer aquisição de mais alguns sinos, para completar o seu carrilhão.

—Acha-se nesta cidade como representante de uma casa comercial de Barcelona, S. sr. vae estabelecer de uma fabrica de cortiça nos armazens do sr. Francisco Constantino Pereira de Mattos, sitos no começo da entrada de Faro a Louié, os quaes já estão arrendados para esse fim.

—Acaba de ser contratada para o teatro 1.º de *Dezembro* de 1640 a atriz Isabel Argente.

Os recursos scenicos da inteligente artista já, por vezes, teem sido lisongeiramente apreciados pelo publico do Algarve, que não é dos menos exigentes em assuntos teatraes.

—Vem servir nas obras publicas deste districto o sr. engenheiro civil, nosso patricio, Alexandre Maria Ortigão de Carvalho.

Ultimas noticias

LISBOA, 19. -*Algharb*—Faro

Caiu governo. Por emquanto não é facil prever quem será encarregado formar gabinete.

C.

QUARTO e sala precisa-se. Nesta redacção se diz.

NOTICIAS VARIAS

Foi fixado o dia 25 de junho para a eleição dos procurodores á junta geral de districto, nos concelhos de Vila Real de Santo Antonio e Vila do Bispo.

— Foi difinitivamente fixada para 5 de julho a Conferencia de Spa.

As reuniões preliminares dos chefes dos governos aliados, realizar-se-hão em 2, 3 e 4 do mesmo mez

— Está calculado em 130.000 contos o defecite orçamental do paiz.

— O governo ordenou um inquerito a todas as minas de carvão concessionadas afim de conhecer quais os meios a adoptar para intensificar a sua produção como tambem a tonelagem possivel a extrair desde já.

Falta de carvão

Veio a esta redacção o sr. Antonio Martins Branco, com deposito de carvão na Rua do Compromisso, declarar nos que a falta daquele combustivel é exclusivamente devido ao caminho de ferro, pois que ele e os seus colegas teem carvão comprado e já despachado nas estações de procedencia, não tendo ainda chegado até á data nenhuma das remessas.

FARO

Leilão de grandes armazens

Bom emprego de capital

Hoje, domingo, 20 de junho se procederá á venda em hasta publica de 5 amplos e magnificos armazens com escriptorio, diversas dependencias e quintal com poço de boa e abundante agua, situados em **Faro** com frente para a **Avenida 5 d'Outubro, Rua Vasco da Gama e Rua Manuel d'Arriaga** (antigas instalações da fabrica de Tecidos de Junta) o leilão é feito no proprio local.

Explendida acquisição para grande industria ou comercio

Condições do leilão presta **Monteiro Torres** no Grande Hotel **Faro** no dia do leilão e no acto do mesmo.

Caminhos de Ferro do Estado

Direcção do Sul e Sueste

ANUNCIO

Pelo presente anuncio se faz publico, que no dia 21 de junho pelas 11 horas, perante o chefe da 6.ª secção de Via e Obras ha de proceder-se a concurso publico, para adjudicação da empreitada para a construção dum edificio para abrigo da caldeira e bomba da toma d'agua da ribeira de Quarteira (K.º 313.).

Para ser admitido á licitação, tem o concorrente de mostrar que efectou na thesouraria de qualquer das Direcções dos Caminhos de Ferro do Estado, o deposito provisorio da quantia de trinta e quatro escudos e quatro centavos (34$04.

O concorrente, a quem a adjudicação fôr feita, reforçará o seu deposito provisorio até á percentagem necessaria para perfazer 5 % da importancia total da adjudicação. Este reforço ha de realisar-se na thesouraria da Direcção, em que foi feito o deposito provisorio, e ficará á ordem da Direcção do Sul e Sueste, por intermedio da qual será posteriormente transferido para a Caixa Geral de Depositos.

O programa do concurso e caderno de encargos estão patentes ne Secretaria da 6.ª Secção de Via e Obras onde podem ser examinados nos dias uteis, desde as 11 horas da manhã até ás 4 d'tarde.

Faro, 22 de Maio de 1920

A. Verissimo de Sousa

Para os devidos efeitos se anuncia que, por escritura de 4 do corrente mez, outorgada perante o notario desta comarca Vitor Castro da Fonseca, se constituiu entre Herculano José Forra e Arsenio Dias Campos uma sociedade comercial por quotas, de responsabilidade limitada, na forma dos artigos seguintes:

1.º

Esta sociedade adopta a firma Herculano & Campos Limitada, e tem a sua sede em Faro, na rua Filipe Alistão, numero cincoenta e dois e cincoenta e quatro A em armazens que o outorgante Herculano José Forra, cede para este fim á sociedade, sem retribuição alguma.

2.º

O seu objecto consiste no comercio de farinhas, sementes e outros negocios que a firma resolva explorar, com excepção do ramo bancario.

3.º

A sua duração é por tempo indeterminado, considerando-se iniciada a partir de um de julho do corrente ano.

4.º

O capital social é de trese mil escudos, dividido em duas contas sendo uma de oito mil escudos com que entra o socio Herculano José Forra, e outra no valor de cinco mil escudos com que entra o socio Arsenio Dias Campos.

Paragrafo § A cota do socio Herculano José Forra, é constituida e representada em dinheiro na importancia de sete mil duzentos e cincoenta escudos e em 300 sacos, no valor de sete centos e cincoenta escudos, e a do outro socio é representada somente em dinheiro, estando ambas as cotas já completamente realizadas.

5.º

A gerencia e administração dos negocios sociais ficam afectos a ambos os socios, que são dispensados de caução e representarão a sociedade, judicial ou extra judicialmente; qualquer deles poderá fazer uso da firma, mas só em actos ou contratos respeitantes directamente á sociedade, sob pena de responder por perdas e danos aquele que a usar em documentos alheios ou estranhos á sociedade.

6.º

Em trinta e um de dezembro de cada ano proceder-se ha a balanço no livro proprio e assinado por ambos os socios, ficará irreclamavel.

Paragrafo§ Os lucros liquidos depois de deduzidos cinco por cento para fundo de reserva legal, serão divididos em partes iguais, sendo na mesma proporção suportados os prejuizos, caso os haja.

7.º

Nenhum dos socios poderá ceder a sua cota, no todo ou em parte, sem consentimento do outro, do qual fica reservado o direito de preferencia pelo valor constante do ultimo balanço, acrescido de seis por cento.

8.º

Cada socio poderá retirar por mes, do fundo social, para suas despezas ordinarias, até á quantia de cem escudos.

9.º

A sociedade dissolver-se ha no caso de falencia, interdição ou falecimento, por acordo de ambos os socios, ou por qualquer motivo legal.

10.º

Em todos os casos omissos regularão as disposições da lei de onze de abril de mil nove centos e um e mais legislação aplicavel.

Faro, 9 de junho de 1920.

O ajudante do notario.

Antonio Euridio Carlos Viegas

---

que, em cada manhã, bailando sobre o telhado da sua casa, e sobre o das outras casas, é como um véo de noiva que lançassem sobre a aldeia... Vem Maria... Deixa esse amor que te quer perder

Vem Maria... Eu sou o dever... Eu sou o teu bom guia... Esperam nos teu pai, tua mãe, teus irmãos, o nosso vigario, a nossa egreja, o nosso domingo...

Lembra-te que hoje é sabado.»

E era sabado. Dizia-lhe agora aquela toada dos sinos a vir até ali a entristece la recordando toda a sua vida feliz e simples junto dos seus, mesmo com a vida rude do campo que levava, indo ao mato a buscar lenha, mondando as vinhas sob os ardores do sol, labutando de manhã até á noite, ajudando ainda no arranjo da casa. Mesmo com todos aqueles trabalhos a felicidade do domingo tinha para ela o encanto de uma saudade, porque, dali em deante, já não poderia atravessar o adro como o atravessava, cheia de toda uma casta mocidade, orgulhosa da sua beleza, ouvindo a muitos aquele lindo nome com que a haviam baptisado.

— Deus te guarde Maria dos olhos bonitos...

Viera a noite: Ha bocado ainda cantara um melro, como a despedir-se dela,—cantar repassado de tristeza infinda; entretanto o silencio da natureza, parecia chorar a desgraça de Maria, que assim se ia perder...

No largo portão verde apareceu o filho do «senhor morgado».

.....

No dia seguinte, os primeiros que passaram pelo poço na luz de oiro da esplendorosa madrugada, viram sobre o beiral, um pote cheio de agua, abandonado e triste, parecendo esperar ainda alguem que não chegava...

Pobre Maria!

Rodrigo Guerra